

## ECOVARZEA FORTE

CHAGAS, Emilly Angel Ferreira das.<sup>1</sup>  
COSTA, MsC. Francisco Xavier Pereira da.<sup>2</sup>

Centro de Ciências Humanas Letras e Artes – CCHLA Setor de Estudo e Assessoria a  
Movimentos Populares – SEAMPO

### PROBEX

#### RESUMO

A demanda induzida por membros da Associação dos Produtores/as de Hortifrutigranjeiros Orgânicos da Várzea Paraibana – ECOVARZEA no estabelecimento de parceria com o Setor de Estudos e Assessoria a Movimentos Populares – SEAMPO/CCHLA/UFPB, tem como interesse estimular os produtores à práticas de fortalecimento da sua entidade, através do esclarecimento do que seja, para que serve e quais as vantagens de uma entidade representativa de interesses coletivos. A discussão sobre órgãos representativos de coletivos busca consolidar e despertar nos produtores/as jovens a compreensão da importância da organização na proposição de estratégias e melhorias do sistema produtivo orgânico, afirmando a relevância deste campo de produção na economia local e regional. A importância da iniciativa objetiva num segundo momento estimular a estruturação de política pública com resultado das lutas de interesse do campesinato, afirmando a capacidade de assegurar melhores condições de vida para famílias do campo e da cidade, enquanto estratégia eficaz de acesso e conquista da cidadania, contribuindo ainda para a formação da cidadania e identidade do jovem assentado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Organização, Cidadania, Camponês.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 8º período do Curso de Serviço Social da UFPB. bolsista do projeto ECOVARZEA FORTE, Edital PROBEX 2013. [emilly\\_angel.7@hotmail.com](mailto:emilly_angel.7@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pelo PPGE/CE/UFPB. MsC. Sociologia Rural. Pedagogo. Educador Popular. Coordenador do Projeto ECOVARZEA FORTE, Edital PROBEX/2013. [maruanum@yahoo.com.br](mailto:maruanum@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

A Associação dos Produtores/as de Hortifrutigranjeiros Orgânicos da Várzea Paraibana – ECOVARZEA existe há mais de dez anos, composta por produtores assentados dos municípios Conde, João Pessoa, Cruz do Espírito Santo, Sapé e Mari. Afirmando as principais características do campesinato, a força de trabalho na produção é composta por membros da família em idade de trabalho. Os jovens atuam na produção, sem, contudo, fazerem parte da associação que representa os interesses desta categoria. A não participação direta dos jovens na associação chama muita atenção e tem se tornado preocupação dos produtores associados em relação ao futuro do assentamento e, por conseguinte, da continuidade campesina como força de resistência ao modelo dominante de ajustamento social.

Contudo, se os jovens, filhos de assentados não demonstrarem interesse em assimilarem os valores e princípios da organização, bem como, a necessária compreensão da importância da organização para o fortalecimento das famílias assentadas em relação às conquistas de direitos e lutas pela efetivação de políticas dos seus interesses. Sem a participação dos jovens na vida política do assentamento fica evidente que os esforços e a luta pela conquista da terra tende a perder força, influenciando para o descrédito dos movimentos sociais.

Aliado do campesinato no Estado da Paraíba nos trinta 30 anos de existência do SEAMPO, os técnicos que compõem a equipe deste setor sentiram-se provocados a auxiliar na interlocução entre os adultos e a juventude dos assentamentos da ECOVÁRZEA. A interlocução objetiva estimular o debate sobre a importância da compreensão da história das lutas pela conquista da terra, evidenciando o quanto os homens e as mulheres dos atuais assentamentos, dispostos a luta, correram risco de morte em nome da organização como ferramenta de conquista da liberdade. Por isso a preocupação e a necessidade de manutenção das conquistas pelas novas gerações.

Para tanto, o projeto tem como objetivo geral, possibilitar discussões de temas de interesse da juventude rural dos assentamentos que integram a ECOVARZEA, como estratégias de reconhecimento e valorização da Associação como entidade representativa dos seus interesses imediatos e futuros. Metodologicamente utilizam-se técnicas fundamentadas pela Educação Popular, a exemplo das rodas de conversas sobre

a juventude rural e o futuro do campesinato; discussões sobre a importância da associação nas conquistas de direitos e investimentos na pequena produção rural; e, por fim, estímulo ao debate sobre a natureza e modalidade da participação dos jovens assentados na ECOVARZEA, com vistas ao fortalecimento da organização dos assentamentos, servindo de referência à organização social local na esfera dos municípios.

Para isso, o diálogo se constitui como ferramenta da mediação entre os jovens assentados, os produtores e a equipe técnica do projeto. Essa mediação está sendo efetivada através de rodas de conversas sobre temas de interesse dos jovens, exibição de filmes, vídeos e debates como estímulo a reflexão acerca da realidade; encontros com os jovens rurais de vários assentamentos que integram a várzea paraibana para discussão da conjuntura e da realidade em que vivem, na construção de oficinas temáticas sobre participação, campesinato, agroecologia, políticas para o campo, dentre outras.

## DESENVOLVIMENTO

A compreensão no que consiste a agricultura camponesa se faz necessário entender e identificar diferenças entre esta e a agricultura típica do agronegócio, marcadamente latifundiária. A agricultura camponesa prima pelo trabalho coletivo, valorizando a família, desenvolvida em pequenas áreas de terra ao invés da agricultura latifundiária, realizada em grandes áreas e com locação de trabalho alheio. A forma de produção camponesa é diversificada, onde se produz o ano todo e também é relacionado com a criação de animais que contribuem para o orçamento familiar, pois é uma forma de produção para o auto-consumo, que consiga subsidiar essas famílias.

Sabendo da valorização da cultura e da família para o campesinato, as atividades do projeto estão voltadas aos jovens, para que os mesmos, compreendendo a história de lutas de seus pais possam dar continuidade na história das lutas desta categoria. Desse modo, o viver no campo se afirma pela vivência em comunidade, por que é nesses espaços que existem as diversidades e onde todos se reconhecem e são respeitados. Segundo GÖRGEN (s/d - texto):

Uma marca forte da agricultura camponesa no Brasil é a diversidade. Diversidade cultural a partir de raízes culturais diferentes e de jeitos diferentes de se relacionar com a natureza, pois em contato com mundos naturais diferentes. O Brasil é grande e diverso. Os camponeses brasileiros são muitos e têm na diversidade uma de suas riquezas. Soube adaptar-se ao mundo onde fincou o pé. Por isto que o campesinato brasileiro faz de tudo, produz de tudo, de várias formas, nos diversos biomas, nos inúmeros agroecossistemas, nos centenas de microclimas, de forma integrada, convivendo com as especificidades de cada local, vivendo com o que a natureza responde sem ser agredida e destruída em cada cantão, encosta de serra, beira de rio, fundo de pasto, mata adentro, sob chuva intermitente, sob sol causticante, sob geada de inverno: o melhor mapa rural do Brasil é o mapa da diversidade da presença camponesa.

Contudo para que se tenha a participação dos jovens nesses espaços, precisamos identificar quais são as “características participativas da comunidade”, onde eles se fazem presentes. De acordo com (DEMO, 1988, 86-7) “O poder vem de baixo para cima, sendo detentor dele o próprio movimento, não se admitindo a existência de membros com privilégios “nem famílias reais” ou coronéis”. Com isso observamos a força de uma classe organizada, reivindicando políticas públicas que respeitem suas particularidades, e é para esse tipo de participação “organizada” que o projeto busca estimular os jovens camponeses a se articularem para conquista de melhores condições para os assentamentos em que vivem.

Segundo Bordenave e Ferreira existem graus de participação em relação ao envolvimento da comunidade nos programas públicos. Estes graus podem ser compreendidos como três tipos de participação: *passiva, controlada e participação-poder*. A *participação passiva* se caracteriza pela forma de se aceitar o que já está posto; a *participação controlada* pode ser subdividida por *limitação e manipulação*. Porém a participação manipulada não deixa de ser autoritária, por mais que tente apresentar-se como democrática; a *participação-poder* se “baseia em processos que favorecem a participação *democrática, ativa e autônoma*, propiciando de modo mais completo, o crescimento das pessoas ou das organizações coletivas enquanto sujeitos democráticos”.

E em nossas atividades, além de discutirmos o conceito do que seja essas formas de participação também incentivamos os jovens a participarem dos espaços para reivindicar melhores condições de vida e acesso no campo, fortalecendo a luta e efetivação dos direitos civis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo é um bom lugar para ter uma vida digna, onde se tem oportunidades para o desenvolvimento local. Para isso é preciso investir mais em educação no campo, com ênfase nas formas de organização, com a finalidade de valorizar a relevância da terra e como ela, possa ser reconhecida como algo positivo, possibilitando a permanência do jovem no campo. Essa qualificação deve despertar o saber lidar com as tecnologias, mas, principalmente em buscar o conhecimento no sentido de torna-los protagonistas no meio em que vivem, contribuindo dessa forma para que a juventude sinta motivação em dar continuidade às lutas dos seus pais no campo.

Para tanto, necessário se faz que os mesmos tenham consciência da classe a qual pertencem, ou seja, a classe camponesa. Deste modo, possa de forma organizada reivindicar políticas públicas voltadas para a agricultura familiar, com o intuito de efetivação de direitos. Neste sentido é importante criar espaços de discussões capazes de gerar reflexões sobre o cotidiano do jovem camponês, na perspectiva de conquistas de políticas que garantam a sua permanência no campo.

Do campo acadêmico, as atividades desenvolvidas no projeto, possibilita a relação de troca de saberes entre o acadêmico e o popular expresso no fazer da sociedade civil. Esta interação se reveste de extrema importância, tanto para o aluno que está em processo de formação, assegurando com eficiência a qualificação profissional, a partir da relação entre a teoria apreendida e as práticas observadas e vivenciadas.

## REFERÊNCIA

- Agricultura Camponesa. Disponível em:<<http://www.social.org.br/relatorio011.htm>> Acesso em: 28/10/2013.
- BORDENAVE, Juan Díaz. O que é participação, 1988, p.30-36.
- DEMO, Pedro. Participação é conquista, 1988, p.86-87.
- FERREIRA, Francisco W. A participação da comunidade e a criação de órgãos municipais de apoio, 1985, p. 7-12.